

Canto de chegada, choro de adeus

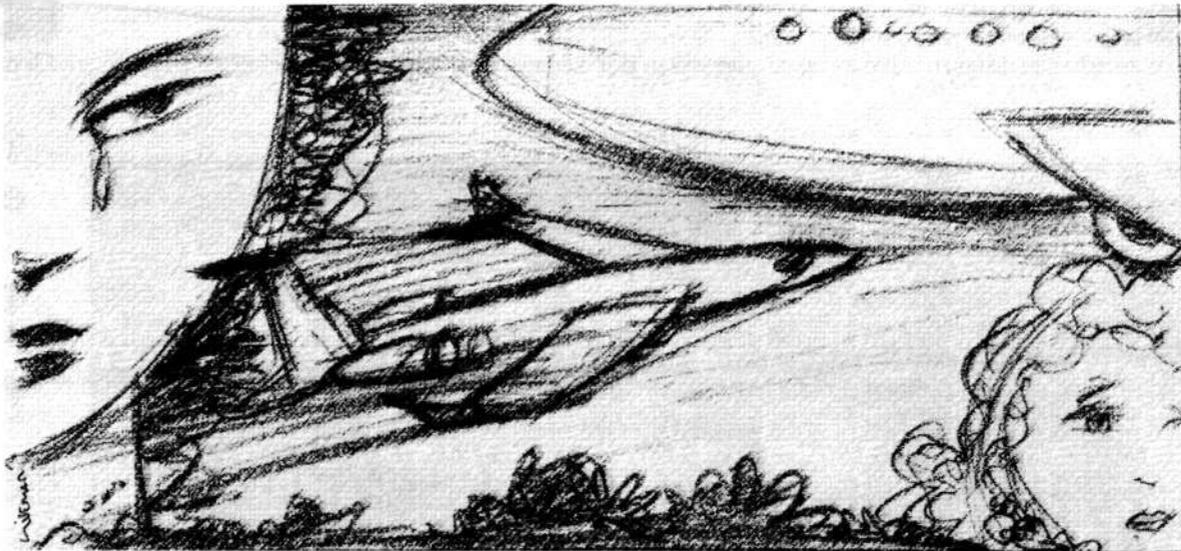


José Sarney,
membro da ABL

EM 1998, na minha penúltima eleição para senador, conheci no Amapá uma repórter e apresentadora de televisão simpática, talentosa e inteligente. Era do Maranhão e fora contratada por uma equipe de TV para a campanha eleitoral do Amapá. Sorriso aberto, alegria sempre nos lábios. Era uma moça negra que transmitia aos telespectadores segurança e uma presença carinhosa. De grande coração, alegre, solidária.

A reencontrei em São Luís, apaixonada por um jovem antropólogo alemão que estava há muitos meses embrenhado na selva entre os Guajajaras, no interior do Maranhão. Dalva foi para a Alemanha, casou-se, tiveram uma filha, Hannah, que era o encanto do pai. Por ela tinha verdadeira fascinação. Dalva vivia um conto de fadas na Alemanha, mas seu marido não esquecia dos índios, queria voltar ao seu convívio e aos seus estudos. Voltaram ao Brasil.

Andréas não desejava que Hannah – alfabetizada em alemão – esquecesse a língua da terra onde nascera e com ela conversava todas as noites, contando histórias dos lagos de Hamburgo e das bruxas da Baviera. Como no poema de Raul Bopp, longe da pátria, ela



ficava no colo e pedia: “Papai, conta-me histórias”. Ele foi para o Amazonas e estava feliz porque ia conhecer uma nova tribo no Xingu. Ligou entusiasmado, anunciou à filha as histórias que iria contar quando chegasse a Brasília no dia seguinte. Metódico, marcou hora: 20 horas e 30 minutos. “Vá me buscar no aeroporto”.

Sua filha brincava com outras amigas no pátio do prédio onde mora. Às 16h30, a menina Hannah parou e disse às colegas: “O avião de meu pai explodiu”. Todas ficaram curiosas. Hannah

não disse mais nada e continuou a brincar.

Dalva foi ao aeroporto receber Andréas. Esperou, foi à companhia aérea e, da angústia, passou ao desespero. Como dizer à filha? Hannah deve saber tudo. Por que tramou do destino ela soubera que o avião de seu pai tinha explodido? Quando sua mãe em prantos contou-lhe a verdade, ela pediu-lhe para não chorar: “Papai em breve vai voltar”.

Essa moça pobre do Maranhão, que lutou para formar-se, apaixonou-se, casou, viveu o sonho de

um príncipe encantado louro e teve uma princesa loura de cabelos crespos. Seu marido lutou no Kosovo e não morreu.

Vem um Legacy, em rotas de milhares de milhas, e num segundo, numa entre bilhões de probabilidades, encontra-se com o Boeing em que Andréas sonhava com sua nova tribo no Xingu, e sua esposa, linda preta de sorriso de extrema simpatia, com o coração de reencontro, encontra-se com as lágrimas do adeus.

Como dizia Drummond: “mundo, vasto mundo...”

D S T Q Q S S

06 OUT 2006

JORNAL DO BRASIL